**INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NUMA ESCOLA PÚBLICA: AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INOVADORAS MEDIADAS PELAS ATIVIDADES DA OFICINA RÁDIO ESCOLA**

Prof. Dr. Aluísio Wagner de Araújo Lopes (Autor)

Coordenação de Extensão e Projetos

IMPARH/SEPOG/PMF

[aluisiolopes@yahoo.com.br](mailto:aluisiolopes@yahoo.com.br)

RESUMO

O presente estudo propõe-se a investigar, à luz das teorias educacionais contemporâneas, particularmente, as que enfocam a inovação pedagógica, em uma escola pública, as práticas pedagógicas mediadas pelas atividades da oficina Rádio Escola, do Programa Mais Educação, visando verificar se uma situação de construção de conhecimento é entendida como uma cultura emergente que se contrapõe a práticas pedagógicas tradicionais e que pode revelar-se como inovação pedagógica. O estudo contempla uma abordagem etnográfica, mediante observação participante periférica, onde se descreve, analisa e interpretam-se os elementos compreendidos em uma ordem particular de organização sociocultural em um dado contexto escolar. Participaram da pesquisa: alunos, professores e grupo gestor de uma escola pública. Como resultados, identificamos que um grupo de alunos participantes da oficina Rádio Escola que convivem no território escolar, construíram em um espaço formativo oficial, uma configuração de uma comunidade de prática mediante interações e mediações compreendidas em relações dialógicas inerentes a uma cultura situada, revelando práticas comunicacionais sociodiscursivas inovadoras que impulsionaram o desenvolvimento de contextos de aprendizagens significativas. Desse modo, pode-se inferir que as atividades realizadas no interior da oficina Rádio Escola são reveladoras de novas configurações pedagógicas ancoradas em práticas socioculturais constituídas através de negociações de significados e sentidos sustentadas e legitimadas de forma autônoma e espontânea, rompendo com uma lógica tradicional de desvinculação entre o mundo da escola e o mundo dos jovens, ensejando protagonismo juvenil no que concerne à construção de aprendizagem e de conhecimentos emergindo assim um processo de inovação pedagógica.

**Palavras-chave**: Práticas socioculturais. Contextos de aprendizagens. Rádio Escola. Protagonismo. Inovação pedagógica.

**1. Introdução**

As exigências sociais e culturais demandam um novo *modus operandi* à escola em face da geração do conhecimento. A ideia minimalista da escola como um espaço físico onde se processam atividades de ensino e aprendizagem através de métodos tradicionais precisa ser repensada na perspectiva de transformar-se em um espaço de convivência de diferentes grupos com diferentes culturas, que se associam em redes, abertas, para a produção colaborativa do conhecimento.

A experiência como Professor e Técnico em Educação, desde 2001, em escolas da rede pública de ensino de Fortaleza e, paralelamente, o exercício da função de Coordenador Pedagógico, desenvolvendo programas e projetos na Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza, permitiu-nos vivenciar inúmeras situações que suscitam questionamentos, críticas e reflexões sobre o *modus operandi* das escolas, suas complexidades, as relações sociais e culturais, que culminam na busca por caminhos profícuos para a consecução das aprendizagens dos alunos.

Encontramos no espaço da oficina Rádio Escola uma oportunidade ímpar de elaborar um estudo que nos permitisse aprofundar nossos conhecimentos, visto se tratar de área de estudo em que temos grande interesse. Na condição de Coordenador de Programas e Projetos na Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza, passamos a visitar a escola *locus* da pesquisa, com mais frequência pela inquietude que nos causou em querer observar mais claramente o referido contexto. À medida que se ampliavam as visitas e as vivências no cotidiano da escola, é que (retirei) crescia a compreensão de que era necessário um mergulho mais aprofundado no espaço onde acontecia a oficina com o objetivo de estudar a cultura escolar situada especificamente naquele espaço, como também um estudo mais ampliado do ambiente da escola como um todo: as pessoas, as relações, as culturas existentes.

Esse contexto escolar instigou-nos a perguntar sobre a emergência dessas novas práticas pedagógicas, reveladoras de novos modos de ensinar e aprender, que estão em desenvolvimento nos espaços escolares, opondo-se às práticas tradicionais de ensino e aprendizagem e que ainda têm considerável prevalência nesse território educativo, implicando na emergência de novas tensões e relações de poder no chão da escola, explicitando contendas relativamente silenciosas entre a cultura oficial e as emergentes culturas juvenis populares, tendo como pano de fundo as demandas sociais contemporâneas.

**A temática da inovação pedagógica emerge nos cenários educativos onde** o**correm transformações socioculturais e econômicas que exigem dos educadores e dos educandos delinearem novas situações de aprendizagem. Estas devem oportunizar uma preparação diferenciada frente aos novos desafios e demandas que emergem em oposição aos modelos educacionais tradicionais, que insistem em informar as visões e as práticas escolares, definindo um perfil conservador e reducionista do papel da escola, com abordagem preferencialmente tecnicista.**

Para que possamos observar e interpretar o comportamento humano mediante uma abordagem etnográfica na área educacional, é preciso que compreendamos em que contexto se dá as ações e como os significados se expressam culturalmente tanto em um ambiente macro (escola) como no ambiente micro (sala de aula); neste contexto, acontecem as práticas pedagógicas, as interações e as negociações sociais na construção do conhecimento. É nessa perspectiva que construímos este estudo na tentativa de descrever e interpretar uma cultura em um microcosmo, observando tudo e todos, com o objetivo de verificar se uma situação de construção de conhecimento é entendida como uma cultura emergente que se contrapõe a práticas pedagógicas tradicionais e que pode revelar-se como inovação pedagógica.

**2. Os objetivos do estudo**

O estudo tem como objetivo propor uma descrição densa (GEERTZ, 1978) sobre atitudes, valores, significados, comportamentos e contextos que um grupo de alunos e professores produz e que se configura como uma perspectiva de inovação pedagógica, em um espaço de educação pública, compreendido como uma ordem particular de organização sociocultural revestindo-se de um significado específico para este grupo e que representa uma cultura situada dentro do espaço mais amplo da cultura escolar padronizada.

Identificamos que os grupos de pré-adolescentes e jovens que convivem no território escolar trazem para esse espaço formativo oficial as experiências e saberes da cultura popular, somados à experiência e familiaridade que as novas gerações têm com as Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC, implicando em um ingrediente novo nesse movimento complexo que se traduz em práticas inovadoras no espaço escolar, considerando as reflexões referentes às formas como se desenvolvem as relações e o tipo de experiência que as TICs possibilitam aos seus usuários.

Para o desenvolvimento do estudo, levantamos questões de investigação que nos permitiram uma melhor orientação e referenciação mais aprofundada de como interpretar e compreender as novas práticas pedagógicas da oficina Rádio Escola. As questões que permearam todo o estudo são:

1. Que contextos de aprendizagem são visíveis na oficina Rádio Escola?
2. De que maneira os alunos desenvolvem suas aprendizagens na oficina Rádio Escola?
3. Como alunos, professores e gestão escolar significam as práticas pedagógicas da oficina Rádio Escola?
4. Como se desenvolve o encontro entre a cultura dos alunos (popular), a cultura escolar (oficial) e a cultura das TICs (cibercultura) na oficina Rádio Escola?

Desse modo, estabelecemos como objetivo geral de nossa pesquisa, investigar, à luz das teorias educacionais contemporâneas, particularmente, as que enfocam a inovação pedagógica, em uma escola pública, as práticas pedagógicas mediadas pelas atividades da oficina Rádio Escola do Programa Mais Educação.

Como objetivos específicos, estabelecemos:

* Investigar que contextos de aprendizagens são visíveis na oficina Rádio Escola a partir da organização do ambiente pedagógico;
* Identificar de que maneira os alunos desenvolvem suas aprendizagens no ambiente da oficina Rádio Escola.
* Analisar como os alunos e professores significam essas práticas, considerando seus diferentes papeis e atuação no cenário escolar;
* Compreender como se dá o encontro entre a cultura dos estudantes (popular) - marcada pelas TICs (cibercultura), e a cultura escolar (oficial) – ainda muito marcada pelo modelo fabril, verificando as implicações em uma perspectiva pedagógica inovadora;

Considerando o objetivo de nossa investigação, optamos por uma pesquisa qualitativa, do tipo etnográfico, utilizando como instrumentos de coleta e registro de dados: o diário de campo, a observação participante e o diálogo informal. Para que possamos observar e interpretar o comportamento humano mediante uma abordagem etnográfica na área educacional, é preciso que compreendamos em que contexto se dá as ações e como os significados se expressam culturalmente, tanto em um ambiente macro (escola) como no ambiente micro (sala de aula); neste contexto, acontecem as práticas pedagógicas, interações e as negociações sociais na construção do conhecimento.

Neste estudo, propomos a observação participante por conter características que permitem uma interação mais estreita com os sujeitos participantes no intuito de obter um determinado grau de implicação nas atividades do grupo estudado, que se possa alcançar para compreender de forma mais densa as variáveis existentes das compreensões de vida de cada sujeito participante. Todo e qualquer evento em um contexto, devem ser observados: comportamentos, posturas corporais, linguagem verbal, não verbal, todos os detalhes. A observação é um ato de perceber um fenômeno que por determinados instrumentos deve ser registrado e analisado. “Los principales requisitos de la observación son, naturalmente, un ojo avizor, un oído fino y una buena memoria” (WOODS, 1987, p.56).

Optamos pela observação participante periférica (ADLER, ADLER, 1987), pois estabelecemos certo grau de implicação, certo nível de envolvimento, o suficiente para sermos aceitos pela comunidade escolar e, mais especificamente, pelos participantes da oficina Rádio Escolar a fim de que pudéssemos potencializar o máximo de atenção e foco na compreensão e interpretação das atitudes, nas formas de falar, das palavras, dos canais de conversas, dos gestos, dos valores, das expressões corporais, das dinâmicas afetivas, como também na captação de elementos invisíveis e não conscientes que permearam nas relações sociais no contexto sociocultural observado.

Utilizamos como técnicas privilegiadas de recolha de dados, a observação, o diário de campo e os diálogos informais. Recorremos, também, a outros materiais de apoio como fotografias, documentos oficiais, registros em vídeos e artigos de jornais. Incluímos, ainda, o registro de tipo etnográfico, em que todos os pormenores relativos a conversas e práticas dos vários intervenientes do contexto escolar, dados de opinião, entre outros que pudessem nos ajudar a atingir os nossos objetivos, foram anotados, assim como as nossas inferências, interpretações e questões que iam surgindo e que foram importantes e fundamentais para a construção de dados que se pretendeu arregimentar para melhor compreensão das práticas sociais e culturais dentro da cultura específica, objeto de nosso estudo**.**

Tivemos o cuidado de não desviarmos do conceito de observação como metodologia de observação participante e enveredarmos para a observação reduzida a uma técnica de coleta de dados que teria como fim uma reprodução, uma mera transcrição de atividades. O pesquisador etnográfico deve ter clareza de que a observação deve centrar-se na descrição densa dos significados consequentes das atividades produzidas e das interações decorrentes, conforme a visão dos sujeitos participantes das ações objeto de análise (ERICKSON, 1989; DAUSTER, 1989; ANDRÉ, 1997, FINO, 2008).

**3. Discussão teórica e resultados alcançados**

A questão da construção de aprendizagem pelos jovens no território escolar envolve um conjunto de fatores relacionais, motivacionais, afetivos, as percepções, os sentidos, que desempenham grande influência na mobilização para a construção de significados com alto grau de implicação com as práticas pedagógicas, e que são intrínsecas à aprendizagem. Em nosso estudo, um grupo de alunos, como comunidade de prática, constroem suas aprendizagens quando do desenvolvimento de identidades e significados por eles negociados coletivamente e são percebidos como manifestações culturais desenvolvidas e compartilhadas em um contexto fruto de participações ativas envolvendo comunicação, interação, cooperação e colaboração (LAVE; WENGER, 1991).

Em nosso campo de estudo, através das observações, análises e interpretações, percebemos que nas práticas pedagógicas da Rádio Escola aconteciam pontos de interseção e de tensão entre a cultura da escola (oficial), a cultura dos jovens (popular) e a cibercultura. Atentamos mais detalhadamente em contextos onde se desenvolviam as dinâmicas de elaboração de textos radiofônicos. Emergiam tramas de significados construídos pelos alunos em relação ao uso da linguagem enquanto elemento de interação social. Os alunos conduziam as atividades com uma facilidade de comunicação e interlocução entre os pares do grupo que denotava um sentimento de liberdade de criação pela dinâmica nos diálogos de maneira diferenciada, intercambiando ideias.

As observações e os discursos dos alunos revelaram um processo interessante de produção de textos radiofônicos através de trocas linguísticas como práticas discursivas imbuídas de discursos e significados sobre si, dos outros, da rádio e do contexto. Eram dinâmicas que se mostravam estranhas aos ritos curriculares oficiais da escola e seus mecanismos de normalização. Não se caracterizavam como construções linguísticas estruturadas canonicamente e engendradas em salas de aula, como componentes da cultura curricular da escola, e sim como práticas de linguagens reveladoras de expressões espontâneas, canalizadas por interações significativas, emergindo um contexto de múltiplas subjetividades através de criações autênticas ancoradas em práticas socioculturais resultando em redes de significação dando sentido às aprendizagens.

Percebemos que a linguagem no contexto da oficina Rádio Escola se apresenta com uma dupla natureza: social e cognitiva. Social porque é a partir das interações sociais que os alunos se apropriam de espaços de diálogos onde os sentidos e significados são provocados, mobilizados e negociados através da linguagem propiciando sensibilidades e aprendizagens que resultam em conhecimentos e produções culturais contextualizadas. Cognitiva porque é pelas relações sociais e pela linguagem que os papeis e as funções sociais dos participantes do contexto vão se internalizando constituindo significações, despertando processos internos, caracterizando o desenvolvimento de habilidades cognitivas que geram mobilizações de recursos cognitivos para atingir os objetivos das atividades do grupo.

Verificamos que experiências com práticas educomunicativas trazem para o território escolar potencialidades de construção de conhecimentos que tendem a aproximar ou, pelo menos, atenuar a distância entre a cultura da escola que desenvolve uma cultura sistêmica e homogênea, objetivando configurar novos sujeitos sociais com uma subjetividade particular e a cultura do jovem que representa um universo cultural com suas linguagens e atitudes que caracterizam vidas coletivas independentes da escola. O estudo da cultura no interior da oficina Rádio Escola nos proporcionou uma compreensão de que para aprendermos, temos que interagir. Que a linguagem como instrumento de mediação e as influências culturais desempenham um papel fundamental no desenvolvimento do aluno, sendo a aprendizagem significativa a força motriz desse desenvolvimento.

Acreditamos que as práticas pedagógicas da Rádio Escola expressam o uso de distintas modalidades linguísticas e de forma complementar. São atividades autênticas que envolvem dialogicidade com negociações situadas assumindo funções interacionais imersas em fenômenos de uma cultura particular emergindo daí contextos de aprendizagens. É uma realidade que se contrapõe ao discurso e práticas pedagógicas de escolas que privilegiam os padrões culturais e linguísticos das classes dominantes, impondo-os como saberes legítimos como forma de manter e perpetuar uma estrutura social cristalizada por privilégios e desigualdades sociais. É uma questão de “violência simbólica” como bem fundamentam Bourdieu e Passeron (1992) quando teorizam sobre uma cultura que a escola dissimuladamente apresenta e ensina como neutra, mas que é subliminarmente carregada de mecanismos de controle e manutenção de quem detém o poder simbólico e cultural. É uma eficaz estratégia de socializar as desigualdades. Compreendemos ser a escola um campo sociocultural e, como tal, deve valorizar e potencializar a construção do conhecimento como processo eminentemente interativo produzindo uma cultura própria fundamentada na prática social.

Considerando a linguagem como sendo socialmente constituída como elemento de interação social, buscamos referenciais teóricos que embasassem nossas observações e interpretações. Na teoria dialógica do discurso, Bakhtin (2003) nos aponta para o estudo das particularidades da linguagem através do enfoque dialógico. Para o autor, a análise da linguagem deve ser entendida no plano do discurso a partir de relações dialógicas como relações de sentido. No contexto da Rádio Escola, os alunos e os sentidos constroem-se discursivamente nas interações verbais através das relações com o outro, desenvolvendo uma melhor escuta reflexiva, uma maior capacidade criativa. A importância que nós destacamos é o contexto socio-histórico onde acontecem as interações, as discussões, os diferentes pontos de vista, as diferentes visões de mundo. “Preocupa-se com os processos de produção de sentido tomando-os sempre como situados em contextos sócio historicamente marcados por atividades de negociação ou por processos inferenciais” (MARCUSCHI, 2010, p. 34). E é nesse terreno fértil que emergem as comunidades de aprendizagem. É nesse contexto que cada participante projeta suas perspectivas no coletivo interagindo e emergindo construções de conhecimentos, em movimentos espontâneos e potencialmente significativos.

**4. Considerações Finais**

Este estudo nos proporcionou uma vivência no interior de uma cultura, com um certo grau de implicação, em um dado contexto, dentro de uma escola, que nos foi possível descrever, discutir, analisar e compreender fenômenos e situações que provocaram em nós indagações sobre como se configuram relações, práticas e experiências com suas particularidades e singularidades de um grupo de alunos. Debruçamo-nos em observar situações e comportamentos para que pudéssemos interpretar e compreender as especificidades dos processos culturais da Oficina Rádio Escola, envolvendo questões como: os estilos e as preferências dos participantes; as ações desempenhadas pelo grupo; a maneira como se organizavam e como se identificavam no contexto. Verificamos que os alunos, pelas práticas, se percebiam como protagonistas, conscientes de que aquelas práticas tinham conexão com os seus mundos, que o processo de conduzi-las os empoderava, gerando motivações e interesse em continuar a desenvolvê-las prazerosamente, repercutindo nos seus modos de ver, ser e estar no mundo. E foi com o olhar minucioso e atento para pequenos desenvolvimentos, quase invisíveis, que percebemos rupturas em relação aos processos tradicionais de ensino-aprendizagem, caracterizando um movimento de inovação pedagógica.

É nessa perspectiva que nosso estudo compreendeu que as práticas pedagógicas da oficina Rádio Escola constituíram como um processo comunicativo de caráter sociocultural que proporcionou ao grupo de alunos se relacionarem culturalmente com os conhecimentos, construindo representações de si mesmos e dos outros, aprendendo a reconhecer-se e a respeitar e considerar outros mundos através da integração de seus conhecimentos historicamente constituídos com outros saberes, explorando possibilidades e potencialidades através de atividades autênticas e significativas. Este cenário é um desafio para os sistemas públicos de ensino, porque permite um movimento catalizador de transgressão da cultura curricular, linearmente categorizada e transmitida aos jovens, podendo transformá-los de alunos a aprendizes. O jovem não pode ser espectador de sua aprendizagem.

**Referências**

ADLER, P; ADLER, P. Membership Roles in Field Research. New York: Sage, 1987.

ANDRE, M. E. D. A. Tendências atuais da pesquisa na escola.Cad. CEDES, Campinas, v. 18, n. 43, Dec. 1997. Disponível em: [www.scielo.br](http://www.scielo.br). Acesso em 27 de janeiro de 2017.

BAKHTIN, M. Gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_\_. Estética da criação verbal.Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

BOURDIEU, P; PASSERON, J. C. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3. Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

DAUSTER, T. Relativização e educação – usos da antropologia na educação. In XIII Encontro Anual da Anpocs, 1989. Disponível em: [www.anpocs.org.br](http://www.anpocs.org.br). Acesso em 01 de fevereiro de 2017.

ERICKSON, F. Metodos cualitativos de investigación sobre la enseñanza. In M. Wittrock. La investigación de la enseñanza. Barcelona: Paidós, 1989.

FINO, C. N. A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais. In: ESCALLIER, Christine. e VERÍSSIMO, Nelson (Org.). Educação e Cultura. (pp. 43-53). Funchal: DCE – Universidade da Madeira, 2008.

GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

LAVE, J; WENGER E. Situated learning: legitimate peripheral participation. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

MARCUSCHI, L. A. Da Fala Para a Escrita: Atividades de Retextualização. São Paulo: Cortez, 2010.

WOODS, P. La escuela por dentro. La etnografía en la investigación educativa. Barcelona: Paidós, 1987.